

Bagaceiras são elas: um olhar para intersecções e hierarquizações acionadas por masculinidades não-hegemônicas num bar na região periférica de Goiânia-GO

Bagaceiras are they: a look at intersections and hierarchies triggered by non-hegemonic masculinities in a bar in the peripheral region of Goiânia-GO

Bagaceiras son ellas: una mirada a las intersecciones y jerarquizaciones activadas por masculinidades no hegemónicas en un bar de la región periférica de Goiânia-GO

*Bruno dos Santos Hammes*¹

Resumo

Este artigo representa um esforço de síntese de pontos discutidos em pesquisa de mestrado. Nele, para cumprir tal propósito, busco privilegiar certa discussão relativa à etnografia do/no Feirão do Chope, bar situado em uma região periférica da cidade de Goiânia. Em especial busco trazer à tona dados produzidos que permitem um exercício analítico que intersecciona alguns marcadores sociais da diferença, em especial gênero, sexualidade e raça/etnia. Ou seja, nuanço na pesquisa as discussões relativas à categoria êmica “bagaceira” e problematizo seu uso como categoria acusatória por gays para se referir a outros gays jovens, supostamente com menor poder aquisitivo e com uma construção corporal e de performance de gênero que remetem à feminilização. Como resultado, conseguimos tanto problematizar uma ideia de igualdade no “mundo gay”, tal qual o faz Isadora Lins França (2012); quanto estabelecer conexões de modo a confirmar a intersecção entre marcadores sociais como gênero, raça e classe com vistas à produção dos lugares sociais hierarquizados e fetichizados em que grupos privilegiados buscam enquadrar outras pessoas e grupos, revelando assim um paralelo contextualizado entre os valores sociais mais gerais e suas possibilidades nas sociabilidades no Feirão do Chope.

Palavras-chave: bagaceiras. Feirão do chope. Interseccionalidade. Periferizada. Goiânia

¹ Atualmente estou doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS- UFG) onde também cursei o Mestre em Antropologia Social (2013- 2015). Minha formação inicial foi o Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2008 - 2013). Estou servidor público da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins (SEDUC-TO) desde março de 2024. Atuei entre 2019 e 2021 como coordenador e consultor técnico/antropólogo do plano de acompanhamento da execução da ação promocional - Projeto Ubuntu no Quilombo Grotão-TO.

Abstract

This article represents an effort to synthesize points discussed in master's research. In it, to fulfill this purpose, I seek to privilege a certain discussion related to the ethnography of/ in the Feirão do Chope, a bar located in a peripheral region of the city of Goiânia. In particular, I seek to bring to the screen data produced that allow an analytical exercise that intersects some social markers of difference, especially gender, sexuality and race/ethnicity. In other words, I nuance the research discussions regarding the emic category “bagaceira” and problematize its use as an accusatory category by gays to refer to other young gays, supposedly with less purchasing power and with a body construction and gender performance that refer to feminization. As a result, we managed to problematize an idea of equality in the “gay world”, as does Isadora Lins França (2012); as well as establishing connections in order to confirm the intersection between social markers such as gender, race and class with a view to producing hierarchical and fetishized social places in which privileged groups seek to fit other people and groups, thus revealing a contextualized parallel between more general social values and its possibilities in sociability in the Feirão do chope.

Keywords: *bagaceiras. Feirão do Chope. Intersectionality. Peripheralized. Goiânia.*

Resumen

Este artículo representa un esfuerzo de síntesis de los puntos discutidos en una investigación de maestría. En él, con el fin de cumplir tal propósito, busco privilegiar cierta discusión relacionada con la etnografía del/en el Feirão do Chope, un bar ubicado en una región periférica de la ciudad de Goiânia. En particular, intento presentar los datos producidos que permiten un ejercicio analítico que interseca algunos marcadores sociales de la diferencia, en especial género, sexualidad y raza/etnia. Es decir, matizo en la investigación las discusiones relativas a la categoría émica “bagaceira” y problematizo su uso como categoría acusatoria entre hombres gays para referirse a otros gays jóvenes, supuestamente con menor poder adquisitivo y con una construcción corporal y de performance de género que remiten a la feminización. Como resultado, logramos problematizar tanto una idea de igualdad en el “mundo gay”, tal como lo hace Isadora Lins França (2012), como establecer conexiones que confirman la intersección entre marcadores sociales como género, raza y clase, con miras a la producción de lugares sociales jerarquizados y fetichizados en los que grupos privilegiados buscan encuadrar a otras personas y colectivos, revelando así un paralelo contextualizado entre los valores sociales más generales y sus posibilidades en las sociabilidades del Feirão do Chope.

Palabras clave: bagaceiras. Feirão do Chope. Interseccionalidad. Periferia. Goiânia.

Introdução

Início esse texto com um convite para sair comigo. Meu destino é a *Chácara 12 Eventos*, um bar situado na Avenida Anhanguera, Estação Cascavel, Setor Aeroviário, sentido Terminal DERGO², ao lado do prédio da Faculdade Padrão. Conheci o local quando ainda estava pensando em pleitear uma vaga no programa de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS – UFG). Tinha até então o desejo de avançar na discussão de sexualidade, gênero e juventude que havia realizado em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Ciências Sociais Hammes (2014), com outros marcadores sociais da diferença, em especial a questão étnico-racial.

Soma-se a essa equação uma leitura que eu tinha segundo a qual já havia uma quantidade significativa de produções sobre espaços de sociabilidade que tratavam do eixo Rio x São Paulo. Mesmo sendo fluminense, nascido no estado do Rio de Janeiro, entendi que valia a pena investir nesse desafio adicional.

Do ponto de vista teórico-metodológico, esse texto dialoga tanto com as discussões da antropologia do consumo, discussões sobre corpo e antropologia, discussões sobre gênero e, na dissertação, aparece com mais ênfase autores e a discussão racial, fica então o convite para ler a dissertação Hammes (2015).

Da produção dos dados, podemos entender como a maioria das observações e dos dados produzidos a partir de conversas informais e anotações em diário de campo. O acesso ao grupo privilegiado se deu, como veremos, a interpelação pelo informante Marcos que, no modelo bola de neve, me apresentou à sua rede de amigos.

Voltando ao bar, trata-se de um bar que o empresário João Mercês, popularmente Joãozinho Mercês, mantém desde 1984. Quando o bar, ainda sem nome, começou a funcionar, situava-se no cruzamento entre as Ruas 4 e 24, no centro de Goiânia, ainda sem nome foi apelidado de “Feirão do Chope”, ou simplesmente “Feirão”. O apelido se deveu, primeiramente, ao fato de o comércio ter começado a funcionar sob tendas (que, inclusive, eram mantidas na estrutura da pesquisa que deu origem a este trabalho), de maneira similar à organização de uma feira livre; já a referência ao chope, vinha do diferencial que, inclusive, era de fabricação própria que, já naquele momento, tornou-se o principal produto do bar.

Joãozinho faz questão de ressaltar a importância do bar:

Eu criei e popularizei o *chope* em Goiás. Posso dizer que saiu ali da Rua 4, [...] – principalmente nessa época – eram pouquíssimos bares em Goiânia que serviam *chope*, no preço do *chope* que é preço alto, né, e eu fiz o contrário, a rota inversa disso aí. (Entrevista, grifo meu).

O nome afetivo “Feirão” persiste, preservando, de certa forma, algo desta história e dos momentos iniciais. Ressalte-se que, por aproximadamente 20 anos, entre 1984 e 2004, o bar ficou no mesmo endereço, já citado, no centro de Goiânia e que, a partir de então, ocorreram três mudanças de endereço, todas em um curto espaço de tempo entre 2004 e 2009. A primeira, para a saída da GO-080; a segunda, para o Setor Marista; e a terceira para o atual endereço: uma chácara situada na Avenida Anhanguera, de número 12, que inspirou Joãozinho a criar o nome: “Chácara 12” e/ou “Chácara 12 Eventos”.

Mediante o exposto, informo que tratarei, na análise, das identidades com as quais me deparei no campo, a fim de entender sua aplicação nas relações sociais no local. Para

²Segundo Miranda (2011), o nome do Terminal de passageiros, no setor Aeroviário, deve-se ao fato de o Departamento Estadual de Rodagem do Estado de Goiás (DERGO) ser o único órgão público de relevância que havia no setor, servindo de referência para tudo.

tanto, visibilizo a categoria “bagaceira” como exemplo de como a diferença é acionada para criar as identidades e revelar seu caráter, quando em contextos hierarquizados, exterior. Evidencio, também, a importância das interações sociais e sociabilidades para produzir e compartilhar os códigos que possibilitam aos sujeitos serem incluídos ou não em um grupo, considerando as desigualdades e preconceitos que a sociabilidade, muitas vezes, também produz e reproduz.

Quanto ao perfil dos frequentadores, no que diz respeito à faixa etária, sexo, renda e escolaridade, há certa diversidade, pois tive a oportunidade de conhecer pessoas de 16 a 59 anos, de desempregados a funcionários públicos com renda em torno de dois mil reais ou mais; homens, mulheres e travestis cuja escolaridade variava desde o ensino fundamental até a pós-graduação. De qualquer modo, pude notar que, pelo menos à época da minha pesquisa, havia um perfil mais regular que os demais: o de homens e mulheres assalariados/as, de 18 a 29 anos, com renda em torno de um salário-mínimo e ensino médio. Ainda sobre os matizes do lugar, podemos dizer que uma parcela significativa dos/as frequentadores/as é de pretos/as e pardos/as. Em relação à orientação sexual, percebemos uma predominância de público homossexual.

Pude perceber, ainda que de maneira mais implícita, que essa aversão se fundamenta numa ideia de senso comum segundo a qual a relação entre feminilidades/travestilidade e prostituição denota sujeira ou pecado/falha de caráter. Impressão essa que, pelo que pude perceber, mantém relação com o pavor social que as alterações corporais e de performance – momentâneas (no caso das *drag queens*) ou duradouras (no caso das travestis, transgêneros e transexuais) – causam na maioria das pessoas.

Por fim, podemos, ao menos, desconfiar e, muitas vezes, confirmar o desconforto (e até mesmo fobia) que o imaginário social de senso comum, independentemente da orientação sexual, guarda em relação a essas pessoas. Sua moral é frequentemente posta em xeque e o medo causado pela redesignação de seus corpos é transformado em suspeição acerca de seu caráter e conduta.

Provocações imagéticas de um noturno de campo

Por estar situado na região oeste da cidade, limiar com a região central a qual possui intenso comércio popular, nota-se, durante o horário comercial, um intenso movimento na região do terminal do DERGO, o que muda bastante à noite, quando há diminuição no volume de pessoas circulando, mas que continua a noite apenas com alteração do serviço. Assim, essa região, que de dia se caracteriza como uma mancha, ou seja, é marcada por “uma atividade ou prática predominante” (Magnani, 2014, p. 119) se alterna diuturnamente, de modo que o comércio no período diurno se altera no período noturno com o predomínio da prostituição, ou seja, um outro serviço.

Assim, essa diferença que, no período noturno, possibilita haver outro tipo de comércio: o da prostituição feminina de mulheres cisgênero e transgênero. Ajuda bastante o fato de não haver residências nessa avenida, bem como ser uma região dominada por espaços abandonados ou mal iluminados durante a noite, o que os torna compatíveis com os códigos dominados pelos/pelas profissionais e clientes e ao mesmo tempo “perigosos” para outras pessoas que evitam a área. As profissionais do sexo se utilizam dos espaços, ruas, marquises e construções (principalmente, mas não somente) o que nos faz entender esse comércio noturno demarcando pela “presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.” (Magnani, 1996, p. 113) se configura como um pedaço que se sobrepõe à funcionalidade diurna da mancha do terminal.

Mas, a macha (diurna) não se desdobra em apenas um pedaço (Magnani, 1996) à noite. As dinâmicas de lazer e sociabilidade que ocorrem à noite no Feirão despertam interesse em entendê-las, o que exigiu uma frequência regular na região, a fim de realizar um trabalho de observação de uma urbanidade que aflorava durante o período noturno. Dessa forma, e a partir das nuances do contexto da pesquisa, com uma intenção reflexiva, decidi nomear tal exercício de “noturno de campo” em vez de o tradicional “diário de campo”.

Acerca da noite, enquanto recorte de campo etnográfico, o trabalho de Larissa Pelúcio (2005) configura-se, para mim, como um interessante exemplo não só de pesquisa, mas também de notas metodológicas para entrar (e sair) do campo em pesquisas envolvendo tanto a “noite” quanto a prostituição. Nesse trabalho, a autora trata de algumas dinâmicas vividas por travestis “na pista” e conclui que “a noite, como uma temporalidade abstrata, na qual há espaço para a transgressão e sedução, é cheia de códigos e regras, e as travestis aprendem logo que, nas muitas surpresas da noite, não há impunidade” (Pelúcio, 2005, p. 247).

Tão instigante quanto essa consideração é a outra parte da conclusão da mesma autora, ao sinalizar que:

[...] as dificuldades se acentuam ao conviver com a dinâmica supostamente racionalizada e segura do dia, período em que, muitas vezes, “o risinho no canto da boca do intelectual macho (ou do gay respeitável)”, encontra uma linha de comunicação com “a bala que fere o seio esquerdo” da travesti. (Pelúcio, 2005, p. 248)

A autora argumenta que tal imersão lhe permitiu refletir e relativizar a apreensão do “período do dia” (Pelúcio, 2005) como racionalizado e seguro, o que, para esses sujeitos, e, principalmente, a última, a travesti, torna-se inverdade, visto que muitos dos códigos da noite não se aplicam às relações sociais que acontecem ao longo do dia. O “campo”, nesse caso, é um pedaço de lazer e sociabilidade, frequentado principalmente por um público juvenil numa dinâmica de homosociabilidade de festa, paquera, música alta e consumo de álcool. Por essa e outras especificidades então, que reforço a ideia de tratar como noturno de campo a observação que resultou nessa etnografia.

As peculiaridades desse tipo de campo não são exclusividade desta pesquisa, como podemos notar, por exemplo, no relato de Isadora França (2012, p. 42): “as situações de campo permitiam uma interação sempre mediada e entrecortada pela música que tocava no momento, pela dança, pelas pessoas que se aproximavam, pelas idas ao bar. Configuravam-se então situações pouco lineares”. Tais peculiaridades dos “noturnos de campo” exigiram que me utilizasse de uma série de artifícios, entre eles de mensagens torpedo/SMS e de notas curtas e rápidas no telefone celular. Como nos relata Neiva (2014), o uso do celular, inclusive nos locais de lazer mais variados, tem sido tão naturalizado que o pesquisador acaba não sendo estranhado ou interpelado pela conhecida pergunta “o que você tanto anota no caderninho?”.

Dessa forma, o uso da expressão “noturno de campo” se deve como podemos perceber ao potencial que há no uso da expressão. Ela pode suscitar discussões relativas ao conjunto de representações, imaginário e saberes que se constroem e que são associam à noite e a certos estigmas que são construídos sobre uma região periférica.

Era dia 9 de fevereiro de 2014, um domingo, com sua especificidade. Aos domingos o horário de funcionamento era diferente das 17 às 22 horas. Além disso, aos domingos geralmente tinha uma banda tocando música ao vivo até anoitecer e o gênero musical era pagode. Outra especificidade diz respeito ao acesso à rede interlocutores, já era a minha terceira visita ao local. Nesse dia tive com tato com o primeiro e principal dos meus

interlocutores. Sobre o início da interação com ele num espaço de sociabilidade, me veio à mente a leitura, que tinha feito no mesmo dia para pensar as escolhas metodológicas, pois França (2012, p. 42) diria que “a escolha pelo trabalho de campo em lugares de lazer noturno e, permeados pelo flerte entre homens trouxe especificidades”, o que se mostrou ali como uma verdade e, no meu caso, ao contrário da “dificuldade na aproximação com os frequentadores” enfrentada pela autora, foi o frequentador/informante que veio até mim, e após um pouco de conversa, que perpassou por informa-lo sobre minha motivação de pesquisa, ele me apresentou a sua rede de amigos.

O momento de entrada no campo, facilitado pelo interlocutor, que marca a passagem do pesquisador de "estranho" a "conhecido" dentro da rede, opera simbolicamente como o que Magnani (2014) conceituaria como pórtico para o campo. Pois seria um limiar ou uma fronteira que indica o limite e propicia a entrada sendo um ponto crucial de passagem para os códigos do pedaço.

Eu ainda estava do lado de fora, de volta ao balcão das bebidas, quando fui abordado por um rapaz, [...] Marcos, que, tocando meu braço, [...] dizia “lá dentro (na pista) está mais legal. Vamos para lá!”. Neste momento, lembrei-me da leitura, agora conveniente, que havia feito de Isadora França e algumas de suas notas metodológicas, naquele dia mais cedo. Naquele momento, estar sozinho naquele lugar representaria a abertura para um possível diálogo e contato com alguma rede de informantes (Noturno de campo, Goiânia, 9 de fevereiro de 2014).

Em seguida à situação acima descrita e após nos apresentarmos, Marcos me convidou para conhecer seu amigo, Gildo, e o namorado dele, Rafael, que não tive tempo para saber mais pois no encontro seguinte Gildo já estava sem ele. Passei o restante daquela noite conversando com eles. Dos meus interlocutores, esses são alguns dos principais e, talvez, os que tenham maior importância na dimensão e entendimento desta pesquisa. Em geral, pautei o trabalho em observações e conversas informais, em vez de entrevistas semiestruturadas previstas, pois, a partir do estabelecimento da rede de informantes alcançada e das interlocuções realizadas, julgamos não ser primordial a intervenção com entrevistas por ser satisfatoriamente rico o material produzido.

Ao anunciar haver um formato clássico para a etnografia ou para o processo etnográfico, temos como base prescritiva o trabalho de Clifford Geertz (1989), para quem esse formato envolveria a interpretação da produção de conhecimentos que dependem necessariamente de dois momentos de campo: (*being there*) “estando lá” e (*being here*) “estando aqui”. “Estando lá”, em campo, pratica-se o “ouvir” e o “olhar”, então treinados pela disciplina antropológica, tal como sugeriu Roberto Cardoso de Oliveira (1996), e, em se “estando aqui”, longe do campo, cabe exercitar a escrita reflexiva e compartilhada dos dados produzidos em campo, com ajuda de técnicas de produção de dados.

Nessa direção, França (2012, p. 43), ao refletir sobre o número comparativamente menor de entrevistas que realizou num “Samba GLS”, em comparação aos outros lugares de pesquisa em que esteve, afirma que “a afinidade no que concerne a hábitos de lazer”, bem como o fato de morar em uma região próxima ao “Samba GLS” são motivos pelos quais talvez “tenha feito menos entrevistas em profundidade com esses rapazes: a experiência do convívio cotidiano com eles supria boa parte da necessidade de entrevistas formais”.

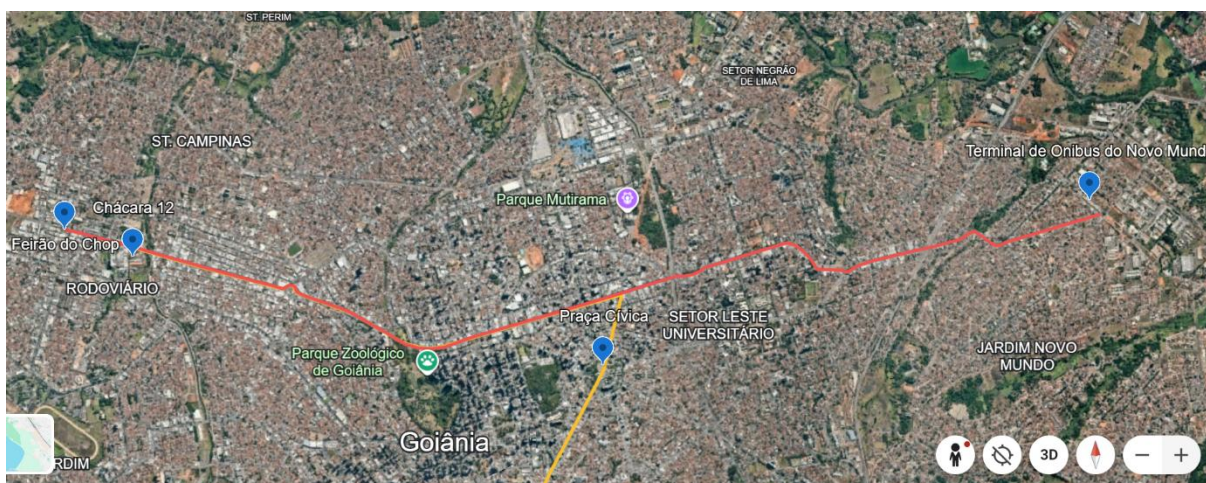
Para chegar ao local, vou partir do trajeto³ de meu deslocamento até ele. Como Goiânia é uma cidade originalmente “planejada”, existem algumas maneiras de acessar essa

³ O conceito de trajeto, como defende Magnani (2014) é relevante por se tratar de um percurso com sentido, com uma intencionalidade, que reflete a rota do pesquisador e dos frequentadores, e cuja experiência de atravessamento contribui para a compreensão do campo.

região, e tive a oportunidade de fazer alguns desses trajetos. Aproprio-me então da designação do corredor expresso de ônibus articulado que atravessa a cidade em seu sentido Leste-Oeste, conhecido como “Eixão”, ou Eixo Anhanguera, para apontar alguns dos eixos possíveis de se transitar para acessar o Setor Aeroviário.

Além deste eixo, oriundo do movimento pendular em direção ao emprego, ou em direção aos camelódromos e às lojas de rua no centro, no período diurno ou “durante o dia”, há ainda outros distintos eixos, que são alterados por alguns fatores, entre eles: férias ou período letivo/trabalho e “dia de semana” ou fim de semana, este em direção a *shoppings*, clubes e parques. O fato é que essas rotas ou eixos transcendem a geometria e estabelecem as rotinas e orientam a vida das pessoas. Mas, uma mesma pessoa pode ultrapassar barreiras, estabelecer-se e estar inserida em mais de um desses eixos.

A partir das distintas circulações que fiz pela cidade, partindo geralmente do setor Jardim Novo Mundo (Região Leste da cidade), onde moro, percebo que o estabelecimento destas rotas ou eixos é notório. O conjunto desses percursos interligados (Trajetos) e as práticas sociais que os ligam (moradia, trabalho, lazer, prostituição) – que incluem o deslocamento do pesquisador e de seus interlocutores (Gildo, Rafael, Marcos) – constitui o que Magnani (2014) define como circuito, ou seja, uma “rede de relações e lugares” articulados por um conjunto de práticas e significados.



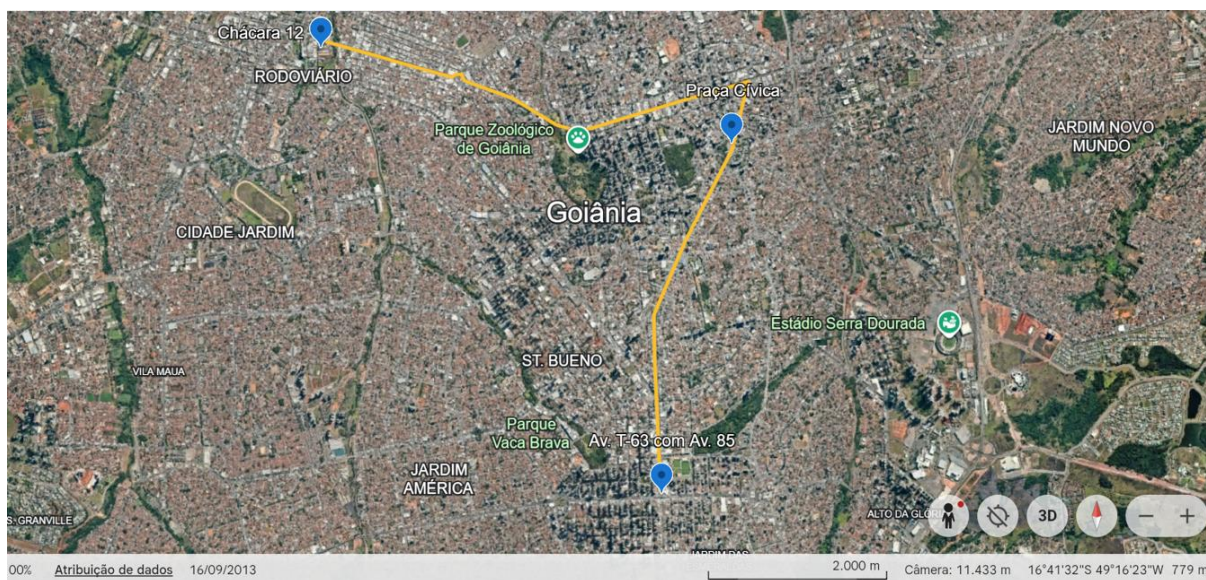
Fonte: Google Maps (2025).

O primeiro deles é o que eu poderia chamar de contrafluxo, pois é o acesso a partir da Região Sul da cidade, ou seja, a direção do deslocamento, oposta à região da cidade onde se concentra (à noite) a “badalação”, as boates de renome, os bares, os restaurantes e os *shoppings* que são preferidos por parte significativa da população. Estas áreas são valorizadas simbólica e monetariamente, o que faz das mesmas fetiches, onde boa parte dos cidadãos gostaria de morar/estar. É interessante notar não só o sentido dos carros, motos e pessoas, mas também certa atmosfera e agitação que envolve o lugar. A aparência, a iluminação pública e mesmo a qualidade do asfalto mudam significativamente nesse trajeto. A percepção da mudança de atmosfera e qualidade urbana ao longo do percurso demarca a transição de uma mancha (a área nobre) para outra mancha (a área do DERGO), realçando o contraste entre áreas de uso e prestígio.

Essa conjuntura é curiosa, talvez até inimaginável, pensar a experiência das pessoas que saem de uma região onde há uma padaria que funciona no sonhado modelo 24 horas e, inclusive, até está nos guias gastronômicos locais, situada no Setor Bueno, área nobre ficada

da cidade, com destino à Região do DERGO. É difícil de imaginar como as pessoas que vivem no Setor Bueno encarariam esse itinerário, mas, para mim, é emblemático, abandonar a ‘moderna’ obra do Viaduto *Latif Sebbá* em direção àquela região aparentemente tão pouco atrativa do DERGO.

Existem outros eixos possíveis de transitar, dentre estes o que vou chamar de “eixo da vida noturna goiana”, que se volta majoritariamente às casas noturnas e às luzes da Região sul da cidade, que ganha mais movimento ao anoitecer, enquanto na Região central – onde o fluxo principal é promovido por comércio diurno, órgãos públicos, hospitais e teatros – o movimento cai. Esse “eixo da vida noturna” e os fluxos de pessoas que o compõem são centrais para a compreensão do Circuito de lazer noturno de Goiânia.



Fonte: Google Maps (2025).

O eixo que coincide com o corredor exclusivo para ônibus durante a noite também é bem diferente do que seria durante o dia, mostrado na figura acima. À noite, a viagem é bem menos agitada que durante o horário comercial, uma viagem que, partindo do Terminal Novo Mundo, atravessa quase todo o eixo até a chegada à Estação Cascavel, última plataforma antes do Terminal DERGO, levando em média 35 minutos. Registro que essa é uma viagem não tão discrepante para mim, visto que neste eixo, chamado Leste-Oeste, percebo apenas uma diferença em relação ao anterior: mais próximo ao Setor Leste Universitário, há uma circulação maior de pessoas nas ruas do que no Centro e no Oeste, próximo ao “Feirão”.

Atravessando a Estação Campinas, as ruas ficam praticamente desertas. É possível ver em maior número apenas as travestis, alguns michês e outras poucas pessoas em trânsito; em especial, algumas que parecem estar à procura de algo, talvez o mesmo que alguns homens que passeiam de carro, os quais, se prestarmos atenção, notaremos que estão à procura de travestis e outras profissionais do sexo. A aglomeração dessas pessoas, nesse momento da noite, desenha a borda ou o ponto de acesso inicial que acredito ser, segundo Magnani (2014), um pórtico de acesso ao pedaço do comércio sexual.

Não falta muito para a estação Cascavel, e, praticamente em frente a esta, avisto a fachada do “Feirão do Chope”. Imagino que a impressão que tive seja parecida à de achar um oásis no deserto, dado o pouco movimento que contrasta com a fachada laranja e os cartazes da casa, bem como seus holofotes. A fachada do local, com sua iluminação e

publicidade, atua também como um pórtico para o pedaço de lazer, um ponto de passagem que anuncia e filtra o acesso ao espaço de sociabilidade, assim como a porta de entrada de uma igreja ou de um teatro (Magnani, 2014).

Em minha primeira visita ao local, um sábado, chegamos aproximadamente às 21h30, mas a casa só abria às 22 horas, ainda assim já havia uma fila de pessoas esperando para entrar (em torno de doze pessoas), além de algumas que estavam no entorno (do outro lado da rua; ou do mesmo lado da rua, mas um pouco afastadas da portaria) paradas e alguns casais dentro de carros. Do lado de fora, era possível ouvir o ensaio, do que parecia ser de uma banda de forró (e era). Uma vez lá dentro, descobri que aquele show era a atração da noite e que aquela banda tocava ali alguns sábados à noite.

Naquela primeira visita, ainda tentando me familiarizar com o espaço da casa e buscando algum rosto conhecido no meio daquela multidão, tive a impressão de estar sendo observado, como nos filmes. Era como se todo mundo estivesse me olhando (o que é “normal”, todo mundo olha todo mundo), mas, num primeiro momento, era desconcertante. Talvez estivessem olhando, talvez não, mas o fato é que, se as pessoas são frequentadoras da casa, eu era um novato.

Outra impressão que ficou é a de uma aparente divisão no espaço: na pista de dança, notava-se uma grande concentração de homens (gays ou não); já fora da pista e sob as barracas, havia muitas mulheres (lésbicas ou não). Do lado de dentro: dança; do lado de fora: conversa. Essa organização interna, com a distinção entre pista e barracas, reforça a delimitação do espaço com códigos e usos específicos, onde a sociabilidade se processa em diferentes subáreas.

Ao focar a atenção na análise das indumentárias dos sujeitos, percebo que esses elementos ajudam a entender não só as relações sociais e as sociabilidades, como também as relações de poder que decorrem da valoração da “diferença”. Como aponto em Hammes (2015), uma única peça de roupa acaba tendo o potencial de mudar ou criar a impressão ou a imagem que se tem/tinha de uma pessoa.

Mediante o exposto, tratarei na sequência das circunstâncias e identidades com as quais me deparei no campo, a fim de entender sua validade ou inteligibilidade. Para tanto, visibilizo a categoria de “bagaceira”, para nuançar como a diferença é acionada para as compor. Evidencio, também, a importância das interações sociais e sociabilidades para produzir e compartilhar os códigos por meio dos quais se possibilita aos sujeitos estarem em grupo e/ou sociedade, considerando as desigualdades e preconceitos que a sociabilidade muitas vezes também produz e reproduz.

Ser ou não ser “bagaceira”: apreensões da homossociabilidade no/do “Feirão”

Desde que Marcos me apresentou a Gildo, que possui formação superior e trabalha em uma empresa pública, este fez alguns comentários e questionamentos que esboçavam, por um lado, alguma curiosidade em relação à minha investigação e, por outro lado, uma vontade de demonstrar certa familiaridade com a pesquisa científica.

O interesse dele pela pesquisa parecia um anseio de demonstrar certo domínio sobre o que podemos chamar de “universo da faculdade”. Ao mesmo tempo, as perguntas soavam como uma espécie de teste para saber se eu realmente estava ali por um interesse acadêmico ou se estava blefando. O ponto é que nossa condição (minha, de Gildo, de Marcos e de algumas outras pessoas que frequentavam o “Feirão” antes do início de meu trabalho de campo e com as quais eles já mantinham contato) instigava e fortalecia, em Gildo, certa noção

de “pertencimento”, garantido pelo domínio de códigos que, supostamente, o ensino superior oferecia, contribuindo para que Gildo se sentisse mais à vontade comigo, e encontrasse respaldo em mim para emitir certas opiniões a respeito do lugar e das pessoas.

Ainda sobre Gildo, destaco que expressava uma posição avessa a qualquer expressão ou manifestação de “feminilidade” em corpos biologicamente masculinos. Havia, para ele, segundo o que pude captar, uma profunda relação entre o que eu chamo aqui de feminilidade (que para o sujeito seriam todas as expressões de “afetação” ou “pinta”) e promiscuidade, estabelecida possivelmente pela associação de senso comum, entre travestilidade e prostituição. Pude perceber, ainda que de maneira mais velada, essa aversão denota uma relação entre estes dois elementos – travestilidade e prostituição – e a noção de sujeira, de algo errado ou, no mínimo, desnecessário.

A aversão desse sujeito da pesquisa às feminilidades era tão acentuada que fez com que ele julgasse necessário, em uma ocasião em que ele havia prometido carona a um colega, certificar-se de que este não levaria mais ninguém com ele em seu carro. Receio decorrente de Gildo haver visto seu colega acompanhado de um amigo. Ele puxou o rapaz e disse: “no meu carro só tem espaço para você, **ela** eu não carrego no meu carro” (grifo meu).

Ele estava se referindo a um terceiro sujeito no feminino por se tratar de um performer *drag queen*, argumentando que seria uma performance descabida (no julgamento dele), o que o impediria de viajar em seu carro. Por fim, completou: “tenho pavor dessas coisas, não carrego no meu carro e nem gosto de ter proximidade com elas”. Impressão que, pelo que pude perceber, tem relação com o pavor social que as alterações corporais e de performance – momentâneas (no caso das *drag queens*) ou duradouras (no caso das travestis, transgêneros e transexuais) – causam na maioria das pessoas.

A supor pela reação desse sujeito *gay*, interlocutor nesta pesquisa, podemos, ao menos, desconfiar e, muitas vezes, confirmar o desconforto (e até mesmo fobia) que o imaginário social de senso comum, independente da orientação sexual, guarda em relação a essas pessoas. Sua moral é frequentemente posta em xeque e o medo causado pela redesignação de seus corpos é transformado em suspeição acerca de seu caráter e conduta.

Intriga-me saber que essa fala não difere em quase nada daquelas que as pessoas não frequentadoras evocam para justificar, porque o lugar não lhes apetece.⁴ Assim, como dito no início, a fobia não é uma sensação ou sentimento que acomete apenas aquelas/es que não se enquadram nas maiorias, mas também nas “minorias sexuais”, inclusive aquelas/es inseridos na “comunidade LGBT”, em razão do poder coercitivo da norma social heterossexual.

Gildo, apesar dessa postura e da facilidade de locomoção (que lhe permitiria escolher outros locais), frequentava regularmente o “Feirão”. Surpreendentemente, nem Gildo, nem os seus próximos “passam”⁵ ou transmitem uma imagem representativa de tal masculinidade, ou melhor, desta virilidade que tanto esperam das outras pessoas. Tais nuances complexificam e dificultam ainda mais a tarefa de um novato em tentar delimitar a imagem do que seria a “feminilidade”, tão rejeitada ali, e o que definiria a fundamental masculinidade ou discrição.⁶

⁴A hipótese de que a localização é “feia”, assim como o público frequentador é “divertido” e/ou “feio”, reconfigura-se em outras distinções dentro do lugar, estabelecendo, assim, territorialidades internas.

⁵O “passar por” ou “passabilidade” diz respeito à impressão que se tem de alguém que espera ser percebido em dada performance de gênero. Para uma melhor apreensão do conceito de “passabilidade”, ver Rego (2015).

⁶Discrição aqui se opõe à “afetação”, ou seja, diz-se da pessoa ou *gay* “discreto”.

Atentando à forma como Gildo se refere, indiretamente⁷ ao lugar e às pessoas como sendo umas “bagaceiras”,⁸ poderíamos ser levados erroneamente a pensar que essa justificativa explicitaria tudo da relação que o sujeito mantém (e as que não mantém) com o lugar e com as pessoas que ali frequentam.

Assim, a intenção é explorar as aparentes contradições e colocar a questão: será que a proximidade ou a comodidade seriam suficientemente importantes a ponto de fazê-lo frequentar um lugar com o qual não mantém relações e pelo qual não tem afinidade? A frequência, quase tão regular quanto a do pesquisador, revela que Gildo, a despeito da forma como se refere ao lugar, tem seus motivos para frequentá-lo. Um deles talvez seja a afinidade por algumas pessoas com quem ele mantém vínculos dentro e fora do Feirão. Relação constatada, certa vez, quando ele comentava com Marcos sobre a comemoração do aniversário de outro frequentador, que acontecera na tarde daquele dia em um almoço na casa dele.

Resta indagar: seria essa postura a maneira de Gildo estabelecer algum tipo de distinção entre ele e os demais? Ou seria essa uma narrativa através da qual ele pretende informar ao pesquisador que, apesar de tudo, existe uma diversidade do público frequentador? Mais do que responder a essas indagações, é fundamental salientar as questões implícitas nessas interações e as hipóteses que suscitam.

Ao menos nas interações entre nós, a intenção de Gildo poderia ser a de construir, discursivamente, os elementos que me levariam a escolher a companhia dele e das pessoas com quem se enturmava em detrimento da de outras pessoas, em especial aquelas a quem ele se referia como “bagaceiras”.⁹ Apesar de já ter ouvido a expressão algumas vezes, foi então que entendi porque a categoria parecia de difícil definição, pois, a despeito dos esforços e artifícios para entendê-la melhor, uma compreensão satisfatória demandaria mais tempo de convivência e sociabilidade. Indo além, penso que, a partir do momento em que eu conseguir perceber alguém nesta categoria e o fizer “corretamente”, isso “atestaria” que eu estaria inteirado e apto a ser parte daquele grupo.¹⁰

Percebe-se que pode haver certa intencionalidade de diferenciação e de distinção na sociabilidade no Feirão, a qual não implica necessariamente um interesse econômico como finalidade, mesmo em se tratando de um espaço dedicado a práticas de mercado, econômicas por excelência, mas que remete à hipótese já exposta¹¹ sobre tal dinâmica no estabelecimento das redes, como sendo uma das maneiras pelas quais a “diferença” é aprendida e apreendida, expondo o caráter social e intencional do estabelecimento de diferenciações e estratificações.

Noto a existência dessa intenção, a qual classificaria analiticamente de hierarquizante, por exemplo, na construção da noção de “bagaceira”. Não encontro outra motivação aparente para que tal distinção (“nós” vs. “bagaceiras”) ocorresse, não restando outra conclusão que não a que aponta para uma tentativa de construir ou evidenciar a diferença em relação a um grupo considerado inferior/diferente. Em situação semelhante, um dos sujeitos da pesquisa de França (2012) aponta que a diferença está no mundo *gay* e no mercado

⁷Essas são impressões que Gildo tem das pessoas e de seus comportamentos, ou seja, é bem provável que elas não saibam que são vistas assim por ele.

⁸Categoria êmica que o sujeito diz de uma pessoa ou lugar de promiscuidade, “pobreza” ou sujeira.

⁹Na gíria *gay*, “bagaceira” geralmente tem a ver com “bagaço”, aquilo que sobra, resto. O termo inspira-se em uma marca de cachaça muito barata e de qualidade questionável, também chamada “bagaceira”.

¹⁰Não se trata da presunção em “se passar por nativo”, mas sim de visibilizar que a dinâmica da etnografia, como toda interação social, envolve a socialização e a apreensão de certas categorias e dimensões morais específicas do grupo.

¹¹Para retomar a discussão acerca do uso do conceito de “sociabilidade” à luz da experiência do trabalho de campo e da noção de “intencionalidade”, ver Hammes (2015).

GLS¹² justamente porque estes são partes integrantes do mundo social e do mercado geral. Devemos considerar também o que destaca Pinho (2006), constatando que a integração da periferia às aspirações de consumo e ao mundo das mercadorias ocorre de maneira precarizada e subordinada.

Essa postura discriminatória, pela qual se designa um grupo de sujeitos frequentadores com o qual não se pretende manter interação ou proximidade, leva em consideração também características como: se a pessoa é “pintosa” (ou não); se veste roupas coladas, decotadas e “chamativas”; se usa tintura e corte de cabelo “feminino” (ou não); se dança (ou não). O fato é que os atributos que configuram essa categorização são de três ordens¹³ diferentes, mas que convergem e atuam “compondo” a imagem ou a “fachada” dos sujeitos.

Essas ordens incluem a performatividade que envolve a “pinta”; a indumentária, por exemplo, a escolha da roupa para a ocasião; e o corpo e suas alterações, o que poderíamos chamar de “aparência física”, a qual apresenta certa plasticidade, como a cor, a textura e o comprimento do cabelo, por exemplo.

Tais dimensões corroboraram a pesquisa de Miller (2013), que aponta simultaneamente para os limites da abordagem semiótica nos estudos da cultura material e para sua convivência com outras abordagens. Coloca-se, então, uma questão que tangencia a percepção e a definição da separação entre “corpo” e objetos, questionando não apenas a não humanidade das coisas, mas também a capacidade de representação do sujeito a partir dos objetos.

É nessa encruzilhada entre o corpo e a representação do “eu” que esse corpo composto e inteligível aponta na direção de certa corporeidade, na qual essas ordens figuram com importância para a autoimagem e a sua recepção – como veremos no próximo tópico, em diálogo com Erving Goffman (2011).

Daniel Miller (2013) aponta para a prevalência da perspectiva semiótica dos objetos na década de 1980, na Inglaterra, segundo a qual “a melhor maneira de avaliar o papel dos objetos era considerá-los signos e símbolos que nos representavam” (Miller, 2013, p. 21). Ilustrativo para esta perspectiva seria, ainda segundo o autor, o exemplo dos estudos da indumentária.

Na lógica dessa matriz filosófica, as escolhas das vestimentas (em todos os contextos sociais), uma vez que o pressuposto universalizante estaria presente nestas, significaria ou implicaria uma escolha consciente e norteadas pela ideia de avaliar em qual medida o conjunto das peças nos representaria mais fielmente segundo, é claro, a própria imagem que fazemos de nós mesmos (autoimagem). A indumentária comunica essa imagem de si, essa autoimagem; “minha roupa mostra que sou *sexy*, ou esloveno, ou inteligente ou as três coisas” (Miller, 2013, p. 21).

Podemos tomar como exemplo o ato de comprar, cuja interpretação pode se dar pela apreensão via significação do consumo ou pela via mais simplista do consumismo. Em relação ao ato de comprar, Miller (2013, p. 23) indaga a percepção de senso comum que tem “rapazes negros” como pessoas “superficiais porque queriam tênis caros, que supostamente

¹² O que chamamos hoje de mercado GLS no Brasil teve sua gênese na cidade de São Paulo, na década de 1960, com a abertura de boates declaradamente destinadas ao “cliente homossexual”, o qual conforme apontado por MacRae (2004, p. 292), “procurava locais de encontro onde houvesse maior segurança contra ataques policiais ou de bandidos”. Devemos pontuar que a categoria ganhou maior dimensão por ocasião do Festival MixBrasil de cinema “alternativo”, que ocorreu em 1994, e frisar que, paralelamente à afirmação de se tratar de um nicho do mercado, ganhou força o ativismo político de grupos organizados em busca assegurar seus direitos a identidades e subjetividades lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Além disso, é preciso se ter em mente que a distinção entre GLS e LGBT busca assegurar a distinção entre mercado e movimento social.

¹³ Em concordância com a análise desenvolvida, a divisão aqui proposta, é estabelecida como um recurso didático para melhor compreender o processo, visto que, na prática social, não é percebido desta maneira, tão dividida.

não tinham condições de comprar”. O autor, desse modo, nos convida a pensar se, na contemporaneidade, “ter se tornou mais importante do que ser”, ou, ainda, se para essas pessoas haveria possibilidade de uma sobreposição destes termos, permitindo-as se valerem dessa autorrepresentação que a indumentária apresenta? Tudo depende do que os sujeitos dizem, dos discursos que acionam para dizer de si.

Ainda sobre os limites que encerram a validade da abordagem semiótica, retomo como exemplo o desconforto percebido e relatado a mim pelos sujeitos de pesquisa ao se dizerem “não se sentindo confortáveis” em ficar “o dia inteiro com a mesma roupa”, e, muitas vezes, não conseguirem ir direto do trabalho e/ou da faculdade para o “Feirão”. Da maneira como foi relatado, parece que o problema não passa exclusivamente pela “questão de higiene”, ainda que esta seja também uma questão importante, que pode ser notada, por exemplo, na fala “fiquei o dia inteiro com a mesma roupa e suei”.

Analisando com mais cautela a situação, percebemos que a fala pode ter relação com situações de trabalho, como, por exemplo, uniformes de algumas empresas ou, ainda, com detalhes que remetem às funções que ocupam. Esses são elementos que, por sua identificação visual, podem causar constrangimento, seja pelas cores, seja pelo tamanho ou outro tipo de identificação, como é o caso de Bento¹⁴, outro amigo¹⁵ de Marcos e seu uniforme de açougueiro. Algumas funções – essa em especial, além da indumentária – causam outras impressões em seus ocupantes, como o cheiro característico da carne crua manipulada.

Cremes e perfumes são um grande investimento, não só para Bento, mas também para outros trabalhadores e trabalhadoras que, ao se arrumarem para sair para festas, bares e baladas, buscam suavizar ou disfarçar “marcas das funções que ocupam”. A experiência no Feirão, bem como em outros “lugares”, é atravessada por uma memória de cheiros de colônias, perfumes e cremes.

Trabalhadores em cargos como açougueiro, mecânico, faxineiro e “faz-tudo”, pelo que podemos perceber, acabam desenvolvendo uma preocupação com o “cheiro”, em virtude do ambiente de trabalho, por terem medo de o cheiro do ambiente acabar “impregnando” neles. Além do açougue, temos a memória do mecânico sujo, cheirando à graxa, espalhada em seu corpo e sob as unhas.

Avançando para a significação das alterações da “aparência física”, Le Breton (2003) fornece importante contribuição ao avançar na problematização e colocar em xeque os limites do corpo e sua inscrição em uma anatomia inalterável.

Em nossas sociedades, a parcela de manipulação simbólica amplia-se, o reservatório de conhecimento e de serviços à disposição dos indivíduos estendeu-se desmesuradamente. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento. (Le Breton, 2003, p. 27-28)

Quanto aos bens e ao corpo, o autor trata das marcas corporais que se materializam na subversiva constituição da cultura *punk*, nos anos 1970, em que “a resignificação de determinados objetos acompanhava uma visão de mundo expressa também nas músicas, no comportamento, na atuação política e na produção cultural daquela subcultura”. Ainda em relação a essas “marcas”, devemos considerar tatuagens e *piercings* como componentes não só do corpo em específico, mas também da identidade social e de grupo.

¹⁴ 23 anos, se autodeclara branco, ensino médio, atendente de açougue em um supermercado e se identifica como homem cisgênero.

¹⁵ Bento, como dito, era amigo de Marcos. Por morar relativamente perto de Marcos, muitas vezes era ele a companhia e quem dava carona para Marcos ir e voltar do feirão

Há um ponto tratado por Le Breton (2003) que se articula não somente com as questões teóricas mais amplas presentes nessa discussão antropológica acerca da “desnaturalização do corpo”, mas também chama atenção para um argumento em torno da transexualidade, como tratado pelo autor,

O corpo do (a) transexual é um artefato tecnológico, uma construção cirúrgica e hormonal, uma *produção plástica* sustentada por uma vontade firme. *Brincando com suas existências*, o(a) transexual entende assumir por um momento uma aparência sexual de acordo com *seu sentimento pessoal*. É ele (ela) próprio(a), *e não um destino anatómico*, quem decide seu sexo de eleição; ele (ela) vive por meio de uma vontade deliberada. (LE BRETON, 2003, p. 32, grifo meu).

Apesar de ver com certo cuidado e desconfiança uma percepção deveras exagerada e lúdica das transformações na readequação do corpo da pessoa ‘trans’, a possibilidade analítica que se abre a partir da existência da transexualidade ou, na verdade, dos sujeitos que viveram a experiência transexualizadora, permite-nos uma primeira aproximação com o universo e os limites da “produção plástica” do corpo; permite-nos relativizar e perceber todo corpo como uma “produção plástica” moldada simultaneamente por fatores sociais, culturais e biológicos, com especial atenção à maneira como é tratado o processo de corporificação, bem como a “construção cirúrgica e hormonal” dos corpos. Tal aproximação se torna válida na medida em que aponta para um caminho metodológico pelo qual podemos introduzir os debates sobre os limites entre “corpos” e “objetos”.

O corpo é encarado aqui em sua dimensão ampla, para além do corpo ‘trans’, para que se possa observar, como já dito anteriormente, sua desnaturalização, no sentido de evidenciar sua “plasticidade”, como diz Le Breton (2003), bem como entender sua inteligibilidade em um contexto influenciado pela conjuntura econômica de “consumo” no capitalismo, como aquele empreendimento analíticos realizados por Miller (2007).

De maneira geral, muito do que é ser “bagaceira” tem a ver com um construto sobre seus corpos, de modo que se admite, nessa construção, elementos das subjetividades, como a maneira pela qual são entendidas as performances dos sujeitos. Há, contudo, uma coincidência nos relatos de meus interlocutores, que, ao apontarem uma “bagaceira”, fazem referência à sua composição genética e corporal, à “cor” e ao tom de pele; e o que chamou atenção: eram todos rapazes/homens negros – pretos ou “pardos”.

A forma como o pertencimento racial invisibiliza a dimensão sociocultural em nossa sociedade difere, por exemplo, do que ocorre nos Estados Unidos da América, ou, mesmo, na vizinha Argentina. No primeiro, o parentesco com ancestrais diretos negros já torna o sujeito negro, independentemente do seu fenótipo, já na segunda, o que nós brasileiros consideramos como “pardos” é identificado, geralmente, como negro.

Nas primeiras vezes em que essa situação aconteceu, tentei me convencer de que o que destoaria naqueles corpos, a ponto de inspirar a discriminação, era não apenas o fato de aqueles rapazes terem submetido os cabelos ao processo de alisamento químico, mas também o fato de manterem seus cabelos em um comprimento considerado incompatível com o da maioria dos rapazes – seus cabelos, medindo a partir de um palmo na parte superior, combinavam-se com uma lateral bem-batida, comprimento quase zero e bem rente ao coro cabeludo em, ao menos, um dos lados. A confirmação de que não era essa a marca alvo de crítica, todavia, só se revelou quando atentei para o próprio Marcos. Este mantinha um corte de cabelo quase idêntico ao daqueles rapazes, diferenciando-se, talvez, por detalhes como tonalidade e comprimento.

Algumas das características que já pontuei sobre o perfil de Marcos (como ser aluno de curso superior, não ser [ou não se identificar como] negro e sim como pardo) são

suficientes para que Gildo e Marcos não sejam considerados “bagaceiras”. O tipo ideal de masculinidade valorado por Gildo não era característico de nenhum dos dois. Assim sendo, essa categoria revela sua ligação com a subjetividade e com a inteligibilidade e apreensão dos corpos, devendo levar em consideração não só características físicas, mas também a condição social e simbólica. Essa categorização parece, portanto, mais uma espécie de alerta ou demarcação de barreiras (simbólicas) entre os “grupos”.

Ainda no que diz respeito à corporeidade e às possibilidades de alterações da “aparência física”, em intersecção com o pertencimento racial, há um discurso que afirma que a posição de “negro” (menos prestigiada socialmente) é “manipulável”, passando de uma marca corporal para um “detalhe” circunscrito a alguma parte do corpo. Pode-se, dessa maneira, fazer uso de tecnologias aplicadas à estética¹⁶ para investir na dissimulação de tal pertença.

Logo, quando algum sujeito não se reconhece em dado pertencimento étnico, havendo possibilidades, como a que foi tomada como exemplo, tal marca passa a ser entendida apenas como um “detalhe”, passível de correção. A ideia de ter “cabelo ruim” ou “cabelo de preto”, portanto, torna-se um “só isso”, significando, assim, um mero detalhe que persiste em se revelar, mas que pode ser domado pelo sujeito.

O conceito de diferença, então, se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados. Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Outras construções podem apresentar a diferença como relacional, contingente e variável.

Essa análise, contudo, não nos impede de dar visibilidade às formas acusatórias da diferença, como fizemos, por exemplo, ao revelar como são estabelecidas “fronteiras fixas” entre ser ou não “bagaceira”, ou, ainda, usar ou não a “bermuda dobrada”, sem, contudo, invisibilizarmos a agência, o protagonismo e as construções do “outro”.

“Bermudinha dobrada”: se “montando” de bagaceira?

Tornou-se *fashion* o uso, tanto por mulheres quanto por homens, de dobras manuais para fora na bainha inferior das bermudas. Os objetivos são vários: encurtar o comprimento da peça ou realçar a bainha. A princípio, essa marcação na peça de roupa foi muito associada a mulheres e homens *gays*, mas, com o passar do tempo, essa prática tem ganhado adeptos independentemente de gênero e/ou orientação sexual, sendo até incorporada pelas empresas fabricantes como algo a mais, ou como um toque personalizado às peças.

Para algumas pessoas, inclusive homens *gays*, a bainha foi e ainda é diretamente associada a homossexualidade e/ou a passividade (no ato sexual), passando a ser componente do rótulo de bicha, afeminada, afetada e bagaceira. Especialmente, como é o caso de Gildo, por uma parte da população LGBTQIAPN+ que vê a diferença seja ela de raça, classe ou gênero como marcador dentro da diferença. Nesse caso, referem-se ao estilo no diminutivo, “bermudinha dobrada”, exprimindo, desse modo, seu desconforto ou desagrado.

¹⁶Uma dessas tecnologias, no caso da dissimulação do pertencimento étnico-racial, pode ser o uso de produtos de alisamento químico em cabelos ou, mesmo, de produtos de maquiagem

Em relação a essa masculinidade, ela pode ser distintamente posicionada socialmente, segundo sua articulação com a também privilegiada “branquitude”¹⁷ ou a negritude. A leitura social do gênero, combinada com o pertencimento étnico-racial, pode determinar o lugar social, com mais ou menos prestígio, que o sujeito irá ocupar, como veremos a seguir.

Numa sociedade em que “gay” e “viado” são algumas das categorias acusatórias e de inferiorização, imaginemos então se, além disso, o *gay* fosse “preto” e/ou travesti. Todas essas marcas sociais – de gênero, sexualidade, o sexo ‘biológico’, pertencimento étnico (etc.) – são lidas e interpretadas socialmente, implicando poder ou subordinação. Para tentar se desvencilhar do peso de algumas delas, os sujeitos também elaboram justificativas que incluem a tentativa de “dissimular” certas características, com a intenção de causar uma “boa impressão” (Goffman, 2011) ou porque estas marcas podem representar um “risco” inclusive de violência física letal ou não. É sobre esses artifícios que trataremos ainda neste tópico.

Mais do que responder uma pergunta específica, quero provocar uma reflexão acerca dos efeitos subversivos da interseção raça/gênero. Sobre esta questão, Reduzino (2012, p. 92) afirma que:

A homossexualidade para alguns grupos negros pode ser considerada como um desvio de comportamento advindo de fora do grupo, sendo incorporada por indivíduos do grupo que possuem em si fraqueza de caráter ou anomalia congênita. Sendo o “mal” da raça, a desonrar maior como a fala ilustra, seria esta vivência como assunção da ‘inversão’ de papéis de gênero/sexual por parte deste indivíduo, diante a complementação binária normativa da heterossexualidade compulsória homem/mulher, masculino/feminino, ativo/passivo.

Assim, é preciso, para uma melhor leitura, colocar em perspectivas os marcadores sociais da diferença e destacar que estou tratando aqui das performances e não das performatividades. Do ponto de vista teórico, presumo que haja certo uso, por vezes até indiscriminado, dos dois termos associados às questões de gênero. Neste momento, apenas admito a distinção entre os conceitos e faço opção pelo primeiro, tendo como norte o uso deste termo como feito por Butler (1988). Quanto a esta sintética definição, vale ressaltar os aspectos histórico e contextual; a inteligibilidade e certa eficácia simbólica que puderam ser articulados, revelando pontos de contato com o conceito de performance.

No que se refere aos atributos apontados, volto-me, mais uma vez, para as dinâmicas de sociabilidade, e percebo que, dentro de um grupo de “gays”, essa categoria perde um pouco do sentido acusatório que tem na moral social, o que não implica dizer que não haja processos de discriminação e preconceito, mas o contrário, como temos visto neste tópico.

Uma situação que exemplifica isso foi o que ocorreu no início de uma noite de domingo, desses bem quentes, comuns em Goiânia. Eu estava no Feirão, na companhia de Marcos e Gildo. Estávamos sentados em uma das mesas conversando, enquanto observávamos o grande movimento de pessoas naquela noite, estimulado por um *show de pagode*, uma atração especial. De onde estávamos, conseguíamos ter uma boa visão da entrada e podíamos, portanto, saber quem entrava e quem saía, e se o fazia sozinho ou acompanhado. Gildo, então, avistou Bento. Sua primeira expressão foi de entusiasmo e empolgação, e se expressou por meio de um “ai se Bento me pegasse”.

Não passaram mais do que alguns segundos para Gildo mudar sua expressão e chamar nossa atenção para a indumentária de Bento, que estava chegando ao local. Gildo exclamou: “olha aquela bermuda dobrada e aquela sandália! *Ela* [Bento] tá toda feminina.

¹⁷Segundo Schucman e Cardoso (2014, p. 5), “a branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos que, dessa forma, significa ser menos do que ele”.

Parecendo uma bagaceira” (grifo meu); e, assim, aquele rapaz, que era tão atraente e percebido como “o tipo de homem” que Gildo se interessava, rapidamente perdeu parte do seu encanto. Nem mesmo a barba por fazer, o capacete¹⁸ ou a performatividade pareciam ser capazes de preservar uma imagem que Gildo parecia ter de Bento.

Gildo considera a barra da bermuda dobrada como uma preocupação exacerbada com o *look* e remetendo ao comportamento das “bagaceiras”. Como já foi dito, esse artifício começou a ser utilizado por jovens *gays*, que, para mostrarem as pernas e com o intuito de encurtar o comprimento da peça, faziam dobras na bainha da bermuda. Gildo articulava essa leitura para usar de maneira acusatória a categoria, “bagaceira”, que só é relativizada, no meu entendimento pelo pertencimento étnico-racial que não era a negritude. Assim, a acusação em relação a Bento é atenuada por Gildo, ao dizer que ele estava “parecendo uma bagaceira”.

Daquele dia em diante, pelo menos enquanto durou o trabalho de campo, a referência a Bento passou a ser no feminino. “Olha ela, chegando!”, dizia Gildo quando Bento se aproximava. Assim, a impressão que havia sido construída da masculinidade que fugia à “bermudinha dobrada” foi substituída por um “hoje ele está vestido de homem”, que, mesmo assim, remetia a um estado momentâneo e não mais a uma “identidade” de Bento.

Nesta narrativa, há um exemplo interessante para se pensar como, para além de um aparente respeito,¹⁹ alguns atos trazem à tona as expectativas e a moral que fazem desses sujeitos reprodutores de alguns valores sociais hegemônicos. O fato é que, mesmo desviando em alguma medida da expectativa social,²⁰ a socialização dessas normas as torna parte da sociedade que condicionam. Ou seja, a percepção e a representação de Bento no feminino contêm a intenção não apenas de desvalorizá-lo e deslocá-lo na hierarquia valorativa do mercado sexual. Classificação essa que, pelas falas de Gildo, só não piora na perspectiva da norma, por conta da percepção de Bento como uma pessoa branca. De modo geral, nos parece também que o uso do feminino tem como objetivo reprovar as escolhas de Bento no que se refere à vestimenta e a tentativa de induzir mudanças.

A reflexão focada em grupos não-hegemônicos, em territorialidades periférica como é o caso deste estudo, tem contribuído para a reflexão a respeito das normas, valores e expectativas sociais mais amplos, ou seja, que dizem respeito à organização social. Uma de suas principais contribuições é a de revelar a eficácia do modo de dominação e desmistificar uma possível anulação de seus efeitos em contextos de sociabilidades não-hegemônicas, como em redes *gays*, travestis etc.

Tal atitude de reprovação²¹ somente teria eficácia como condição para a aceitação de Bento neste suposto grupo, o que demandaria algum mecanismo do grupo para informar a Bento que aquela roupa era desaprovada naquele grupo. Alguns desses meios seriam as brincadeiras, como, por exemplo, a “xoxação”,²² mecanismo que, de maneira jocosa, comunica algo a um sujeito, porém, com a ironia e a licença de uma “gozação”.

Por outro lado, se Bento tivesse algum interesse maior em participar do grupo ou “ficar” com algum deles, poderíamos dizer que Bento “escolheu a roupa errada para aquele dia”, visto que aquela indumentária causou uma impressão que não condiz com a expectativa deste grupo de pessoas, ou mesmo com a impressão que o próprio faz de si, relativamente

¹⁸Cito esses elementos da composição da indumentária de Bento, porque, além de se referir ao seu meio de transporte, ter a motocicleta e a conduzir remete a um aspecto da masculinidade.

¹⁹A alusão a respeito, aqui, faz referência a uma ideia de senso comum que cria uma imagem da “comunidade” LGBT como sendo respeitosa às diferenças e à diversidade.

²⁰Tanto as expectativas relativas à sexualidade, quanto ao gênero.

²¹Atitude de Marcos e Gildo.

²²“Xoxar” é uma categoria, um verbo, muito utilizado nas gírias *gays* (principalmente), que tem a ver com o ato de debochar ou zombar de outrem.

ao seu gênero. Revela-se, portanto, quão instável pode ser a afirmação ou o reconhecimento das masculinidades, dadas as suas oscilações em relação à masculinidade idealizada.

Dado o ambiente de contínua suspeição da virilidade decorrente da atração de públicos não-hegemônicos, a impressão que se tem é a de que os sujeitos estão constantemente analisando os “padrões de atos” dos outros e de si, no que parece um estado permanente de vigilância. Nesse meio, independentemente de haver intenção ou não do sujeito em seguir uma “linha”,²³ os outros sujeitos, na interação, irão supor que o sujeito agiu segundo uma intenção.

Esse cenário inscreve o sujeito em uma situação que o impele a levar em consideração a “impressão que os outros possivelmente formaram sobre ele” (Goffman, 2011, p. 13). Para Goffman (2011, p. 14), em situações nas quais se instala uma “boa impressão”, a fachada alude ao que é socialmente valorizado, ou, ainda, ao “valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ele assumiu durante um contato particular”.

Ainda nesse sentido e em escala de muitos mais risco (risco a vida, inclusive). O mesmo fruto da feminilidade que ser bagaceira produz, ou seja, uma performance lida como feminina, juvenil, de classe popular e negra. Quanto aos impactos da articulação entre sexualidade e a raça, Reduzindo (2012) já nos oferece um panorama muito denso da questão.

Já em minha dissertação Hammes (2015) eu aponto em duas direções. A primeira que a cor é impossível de ser dissimulada, porém quanto ao gênero e ser bagaceira, a quebra da expectativa da continuidade, de senso comum, do sistema sexo-gênero descrita por Gayle Rubin (2003), pode ser entendida como “risco” pelos sujeitos; ou seja, levando em consideração o complexo leque de marcadores da diferença que podem ser considerados, desde aqueles “vulnerabilizadores” dos sujeitos até os “riscos” na noite e considerando as questões de gênero e sexualidade, nota-se que uma performance pode ser mais ou menos “tolerada” ou permitida no espaço da pista de dança do Feirão, no ambiente “externo”, na rua ou no ônibus.

Pelo exposto verifica-se também que a categoria bagaceira é situacional e remete à maneira distinta como esses sujeitos *gays* enxergam outras pessoas *gays*. Maneira que, com toda certeza, não deve fazer tanto sentido para outros grupos ali dentro, entre estes: os homens “heterossexuais” e, mesmo, as travestis. Os primeiros certamente não fazem muita distinção entre “bagaceiras” e “não bagaceiras”, devido à especificidade situacional que operacionaliza a inteligibilidade dos corpos nessas categorias.

A recíproca também é verdadeira, revelando que tampouco os outros grupos devem se perceber ou fazer ideia das categorias através das quais são tratados. Categoria êmica, que dá conta de se referir a fetichização pautada na hierarquização de indivíduos, entre outros motivos, por uma ambígua relação de proximidade, pois compõe a paisagem da vida cotidiana das cidades uma vez que remete à figura e a suposta virilidade que se conota a grupos específicos de trabalhadores (como os da construção civil e/ou da limpeza urbana e outros serviços braçais) o que se articula à presunção heterossexual. Desta forma, a categoria da conta de uma fetichização de um determinado grupo de trabalhadores que na maioria das vezes se pressupõe uma virilidade, heterossexualidade e outras categorias. Em especial uma origem regional nordestina e/ou negritude.

Evidencia-se assim a importância das interações sociais e sociabilidades para produzir e compartilhar os códigos através dos quais sua autodefinição é valorada, bem como a do grupo ou a da rede, promovendo distinções.

²³ “Linha”, segundo Goffman (2011), corresponde a certo “padrão de atos” performatos por um sujeito.

Considerações finais

É por meio dessa análise que se reitera a afirmação feita em momento inicial desta pesquisa, referente à questão de o mito da igualdade estar ou não presente no “mundo gay”. Aqui, mais uma vez, reafirmo que não só “a diferença está no mundo gay” (França, 2012), como também o preconceito, pois, por mais que as experiências sejam diferenciadas e muitas vezes radicalmente opostas a elementos que figuram como uma norma social, ainda assim, tais experiências não conseguem ser radicalmente dissidentes. Além disso, conforme nos apontam Braz (2012) e Pinho (2006), as experiências eróticas e fetichizadas muitas vezes incorrem em uma dimensão reafirmadora da norma, na qual o desejo se restringe ao uso da diferença e não de estar/ser a diferença.

Nota-se, ainda, que atributos socialmente valorizados também o são no lugar (Feirão). Assim, a virilidade e/ou masculinidade, característica tão valorizada na sociedade, também o é ali. É bem verdade também que ela ganha novas especificidades inerentes àquela sociabilidade, não se tratando simplesmente da masculinidade heterossexual, mas também daquela ligada à prática homoerótica, geralmente reprimida e não permitida.²⁴

Complementarmente, a feminilidade e os seus estereótipos são, no âmbito genérico das relações sociais, também desvalorizados e subordinados no “Feirão”, de maneira que seus/suas performers são alvos de controle e vigília todo o tempo, principalmente dos homens gays, visto que é preciso “controlar os exageros” (Braz, 2012).

Referências

- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Editora UFG, 2012.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais na interação social. In: GOFFMAN, Erving *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- HAMMES, Bruno dos Santos. “Prefiro um filho morto do que um filho viado”: algumas implicações de quando a homofobia é familiar. *PerCursos*, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 178–199, 2014. DOI: 10.5965/1984724614272013178. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614272013178>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- HAMMES, Bruno dos Santos. *No Feirão do Chope: Um estudo antropológico sobre intersecções entre marcadores sociais da diferença em um bar na região periférica de Goiânia*, 2015. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) PPGAS/UFG, Goiânia – GO, 2015.

²⁴Mesmo dentro do plano da masculinidade heterossexual, que se reivindica a única e a verdadeira, vemos serem acionados discursos com o intuito de conformar a prática à identidade heterossexual. Um exemplo é aquele tratado pela epidemiologia como HSH, homens que fazem sexo com homens.

- LE BRETON, David. O corpo acessório. In: LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas / SP: Papirus, 2003. 240 p.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal e lógica dialética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *O circuito: proposta de delimitação da categoria. Ponto Urbe*, n. 15, p. [13] 2014, 2014Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2041>.
- MILLER, Daniel. *Treco, troço e coisa: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MIRANDA, Rosângela de. *Goiânia: as parcerias público-privadas e as zonas de interesse urbanístico/áreas especiais de interesse urbanístico*. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) – UniEvangélica, Anápolis, 2011. Disponível em: <http://www.unievangelica.edu.br/files/images/Rosangela%20de%20Miranda.PDF>.
- NEIVA, Giórgia de Aquino. *Nas redes dos alternativos: mercado, sexualidade e produção de diferenças na cidade de Goiânia*. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4096>>.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, jun. 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579/109656>>.
- PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 28, p. 217-248, 2005. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>.
- PINHO, Osmundo. “A vida em que vivemos”: raça, gênero e modernidade em São Gonçalo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 169-198, jan. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000100010/7609>>.
- REDUZINO, Rodrigo Antonio. *Existe preto e branco para além do arco-íris? Estudo de interseccionalidade de raça e sexualidade: um olhar interseccional da Rua da Lapa* – RJ. 2012. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.
- REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. O embuste do conteúdo e a rebelião da forma: notas sobre “homidade” e cultura. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS SOBRE VARONES Y MASCULINIDADES, 5., 2015, Santiago de Chile. *Anais eletrônico*. Santiago de Chile, 2015. Disponível em: https://mega.co.nz/#F!okJFGIoAlI8vwCQNO2Ub_7U_c31C2hQ
- RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (Comp.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Talasa Ediciones, 2003.